

ilustrada eternidade

STYCER
‘Avenida Brasil’
bate recorde ao
assumir seu lado
mais mexicano

Pág. E6 ▶

TELEVISÃO
Nova temporada
de ‘The Walking
Dead’ tem novos
personagens

Pág. E8 ▶

Homenageado da **Mostra de SP**,
cineasta russo **Tarkóvski** ganha
exposições, livros e retrospectiva

DE UM INSTANTE

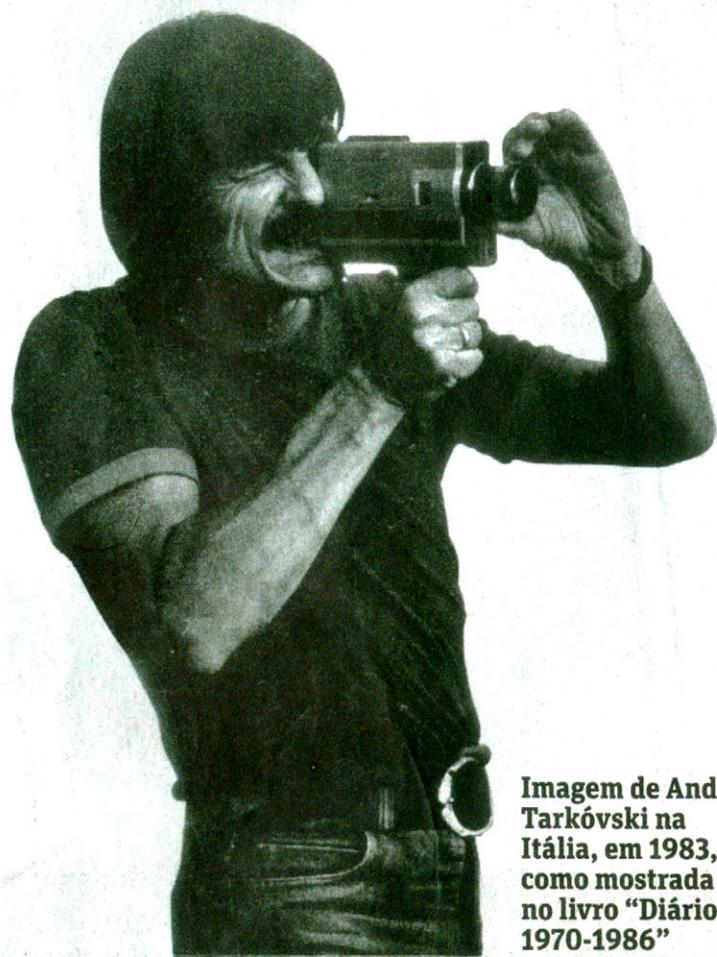


Imagem de Andrei Tarkóvski na Itália, em 1983, como mostrada no livro “Diários 1970-1986”

RODRIGO SALEM
DE SÃO PAULO

O tempo corria de uma maneira diferente para o diretor Andrei Tarkóvski.

Seus planos eram longos e contemplativos, contrapondo-se ao ritmo frenético das produções americanas que surgiam no fim dos anos 1970.

A vida dele, no entanto, foi curta. O cineasta admirado por Ingmar Bergman, que faria 80 anos em abril passado, sucumbiu a um câncer de pulmão em 1986, aos 54 anos.

Morreu exilado em Paris, onde, em estado terminal, recebeu a visita do filho Andrei, que na época vivia na então União Soviética.

O diretor de “Solaris” (1972) e “Stalker” (1979) de certa forma conseguiu seu objetivo de domar a eternidade. Sua vida e obra estão sendo revistas em livros, exposições e retrospectivas a partir desta semana.

Na quarta, na programação da 36ª Mostra de Cinema de São Paulo, o Brasil recebe

a exposição Luz Instantânea, que reúne, pela primeira vez fora da Europa, as polaroides tiradas por Tarkóvski em seus últimos dias em Moscou.

“Essas imagens são o adeus de meu pai a sua terra natal”, conta à **Folha** o filho do cineasta, que hoje cuida do Instituto Internacional Andrei Tarkóvski, em Florença, na Itália.

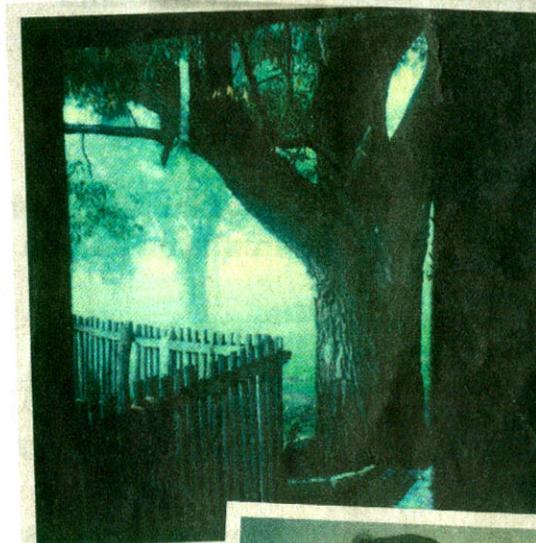
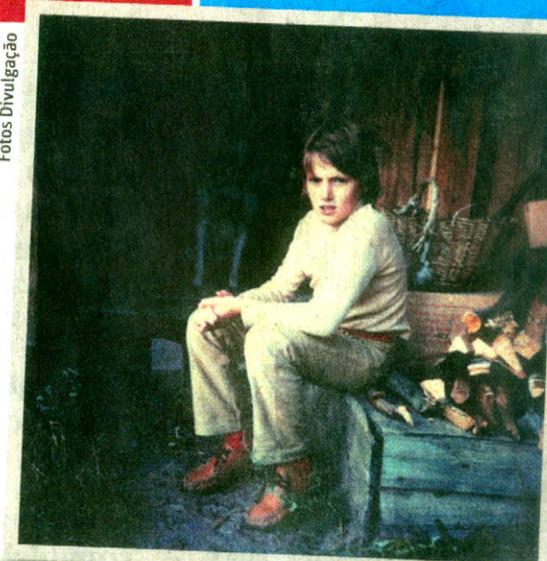
As polaroides também estão no livro “Tarkóvski Instantâneos”, parceria da Mostra com a editora Cosac Naify.

Já a editora É Realizações lança os diários que o cineasta manteve de 1970 até pouco antes de sua morte, além de volume com o roteiro de “O Sacrifício”, seu último longa.

E Tarkóvski não está forte apenas no Brasil. Saiu nos EUA e na Inglaterra o livro “Zona”, no qual o escritor Geoff Dyer dissecou “Stalker”, que, por sinal, pode ser visto de graça no canal do YouTube do estúdio russo Mosfilm.

» LEIA MAIS na pág. E4

Fotos Divulgação



Polaroides tiradas por Tarkóvski de momentos com o filho (acima), na casa de campo (meio) e com a mulher (ao lado) serão expostas no Masp



Filho de Tarkóvski diz que polaroides são “dolorosas”

Responsável pelo legado do pai, Andrei vem ao Brasil para abrir a exposição Luz Instantânea, na quarta-feira

Diretor do instituto que leva o nome do cineasta, ele recorda a sua infância e os últimos instantes do pai

DE SÃO PAULO

O pequeno Andrei costumava ter longas caminhadas com o pai pelas florestas da região de Myasnoye, a 80 quilômetros de Moscou. Subiam o rio Kashirka, sempre parando para olhar a bela paisagem e conversar.

Naquele momento, o sobrenome do pai, Tarkóvski, não fazia diferença para o filho. Andrei Tarkóvski, naquele momento, não era o cineasta famoso. Era apenas o pai de “Andrei Jr.”.

Seu lado diretor só se revelava ao filho quando apontava a polaroide para alguma cena que o agradava, seja o pequeno Andrei brincando com o pastor alemão da família, Dak, seja Larissa, a matriarca da família, segunda esposa de Tarkóvski, em algum afazer doméstico.

“Ele tentava passar a maior parte do tempo comigo, mas precisava trabalhar em seus filmes”, recorda-se o filho, agora com 42 anos e responsável por cuidar do legado do pai, morto em 1986, vítima de um câncer de pulmão.

Entre esse legado, há cerca de 300 fotografias polaroides tiradas entre 1979 e 1984, capturando a intimidade de Tarkóvski com o filho na casa de campo durante seus últimos meses na então União Soviética e o início do exílio na Itália, onde filmaria “Nostalgia” (1983).

Parte delas estará em exposição no Masp a partir da próxima quarta-feira.

“Essa exposição no Brasil é importante, porque não sabemos por quanto tempo essas fotos aguentarão o passar do tempo. Em alguns anos, elas podem não existir mais.”

As polaroides, contudo,

possuem um significado especial para o menino que ficou em Moscou com a avó, pois só os pais tinham permissão do governo para viajar.

“Essas imagens são tristes e dolorosas. São os últimos momentos entre pai e filho”, conta Tarkóvski. “Meu pai previu o próprio destino.”

Não era bem previsão. Tarkóvski era um homem inteligente. Sabia que não duraria muito tempo sob a Cortina de Ferro comunista.

Seus filmes eram censurados, cortados ou simplesmente não eram exibidos em sua terra natal. O financiamento do Goskino, o comitê estatal de cinema, minguava.

“Mas meu pai nunca fez nenhum projeto que comprometesse sua visão. Ele não buscava fama ou dinheiro. Seus filmes eram buscas espirituais”, exalta Andrei.

ENCONTRO NA MORTE

Fora das fronteiras soviéticas, o reconhecimento era vasto. “A Infância de Ivan” ganhou o Leão de Ouro em Veneza, em 1962. Depois, Tarkóvski venceu prêmio de crítica e do júri em Cannes por “Solaris” (1972), “Nostalgia” e “O Sacrifício” (1986).

O êxito profissional não aplacava a dor de estar longe do filho. “Nos quatro anos longe, ele me ligava todos os dias”, recorda-se Andrei, que

“Meu pai nunca fez nenhum projeto que comprometesse sua visão. Ele não buscava fama ou dinheiro. Seus filmes eram buscas espirituais”

ANDREI TARKÓVSKI
filho do cineasta russo e diretor do Instituto Andrei Tarkóvski

só recebeu permissão para ver o pai no leito de morte, em Paris, em janeiro de 1986.

“Ninguém me contou, porque eu estava viajando. Não sabia da doença do meu pai”, diz o filho. “Um dia antes de encontrá-lo, me falaram que ele estava com câncer de pulmão. Foi terrível.”

Os dois ficaram separados por quatro anos e só tiveram meses para recuperar o tempo perdido. O cineasta russo morreu em dezembro de 1986.

“Claro que isso ainda me dá raiva. Mas não da Rússia, e sim do sistema”, afirma ele. “Isso acabou com qualquer ilusão minha em relação aos políticos.”

Dirigindo o Instituto Internacional Andrei Tarkóvski, em Florença, cidade que recebeu seu pai assim que deixou Moscou, Andrei teve a oportunidade de crescer nos sets de “O Espelho” (1975) e “Stalker” (1979).

“O que mais me impressionava era a concentração de todos”, lembra. “Meu pai ia para as filmagens querendo criar uma obra-prima, mesmo que não falasse tal coisa. E isso contaminava todos os atores e membros da equipe.”

Andar ao lado de Georgi Rerberg, um dos grandes nomes da direção de fotografia, e do próprio pai, deixou Andrei exigente.

“O tempo do cinema moderno não é o tempo dos homens. É uma grande distração das verdadeiras questões que temos sobre fé e sobre nossas vidas”, filosofa.

Andrei Tarkóvski não poupa nem mesmo o remake de “Solaris”, dirigido por Steven Soderbergh em 2002.

“É muito chato e longo. Por que fazer algo que você não entende?”, questiona ele. “Por isso que foi um fracasso.”

“Eu preferia ver um remake de ‘Solaris’, mas baseado diretamente no livro. Acho que faria sucesso nos Estados Unidos.” (RODRIGO SALEM)

PERSEGUINDO TARKÓVSKI

O cineasta russo está em todos os lugares



NA MOSTRA

“O Rolo Compressor e o Violinista” (1961)
O média-metragem foi filmado quando ele tinha 28 anos, parte de um projeto de curso no Instituto Estatal de Cinema

Fotos Divulgação



“A Infância de Ivan” (1962)
> O primeiro longa do cineasta ganhou o Leão de Ouro em Veneza e representou a ex-União Soviética na disputa pela vaga do Oscar, mas não entrou na lista final

“Andrei Rublev” (1966)
> A história do grande pintor russo do século 15 foi censurada pelo Kremlin, mas ganhou o prêmio de crítica no Festival de Cannes de 1969

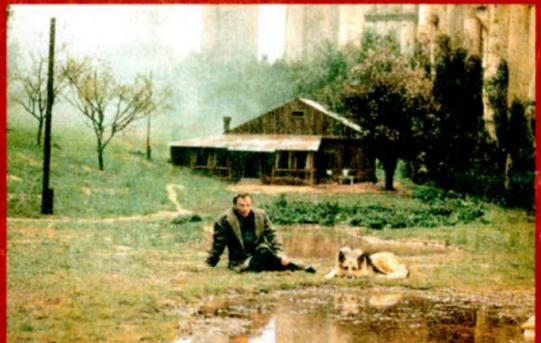
“Solaris” (1972)
> Baseado no romance homônimo de Stanislaw Lem, a ficção científica foca em um psicólogo que parte para uma missão em uma estação espacial



“O Espelho” (1975)
O roteiro do longa sobre um homem à beira da morte revisitando o passado foi rejeitado por ser considerado “incompreensível”

“Stalker” (1979)
> A ficção científica fala de uma região guardada por militares. Apenas guias chamados de Stalkers conseguem entrar na área proibida

“Tempo de Viagem” (1983)
> Após várias brigas com o governo soviético, o cineasta filma com Tonino Guerra esse documentário para a TV italiana sobre o processo de pesquisa para o próximo longa



“Nostalgia” (1983)
> Tarkóvski deixa a extinta União Soviética para filmar seu longa italiano e não retorna ao país

“O Sacrifício” (1986)
> A obra final de Tarkóvski é um tributo a Bergman e foi rodado em uma ilha na Suécia

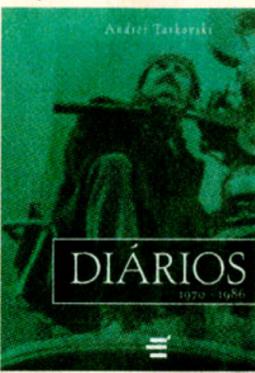
QUANDO de 19/10 a 2/11
ONDE diversos locais (consultar o site 36.mostra.org)
QUANTO de R\$ 410 (permanente integral com acesso a todas as sessões) a R\$ 95 (válido para sessões de segunda à sexta-feira, até às 17h55). Assinantes da Folha têm desconto de 15% nas sessões permanentes

NA INTERNET

O estúdio Mosfilm, o mais velho e poderoso da Rússia, disponibiliza todos os principais filmes de Tarkóvski. No site oficial (cinema.mosfilm.ru), há opção de ver grátis em streaming legendado. Mas para quem quiser assistir aos longas em alta definição há a opção de pagar US\$ 3,20 (R\$ 6,40) e transferir o arquivo por tempo indeterminado para o computador



OS LIVROS



“Tarkóvski - Instantâneos”
De Andrei Tarkóvski
Editora Cosac Naify
(em coedição com a Mostra Internacional de Cinema de SP)
QUANTO R\$ 48,00 (160 págs.)

“Diários - 1970-1986”
De Andrei Tarkóvski
Editora É Realizações
QUANTO R\$ 159 (688 págs.)

“O Sacrifício”
De Andrei Tarkóvski
Editora É Realizações
QUANTO R\$ 89 (200 págs.)

AS EXPOSIÇÕES

Luz Instantânea - Polaroides de Andrei Tarkóvski

QUANDO a partir de quarta, até 25/11; de terça a domingo, das 10h às 18h; quintas, das 10h às 20h

ONDE Masp - Museu de Arte de São Paulo (av. Paulista, 1.578, Bela Vista; tel: 0/xx/11/3251-5644)

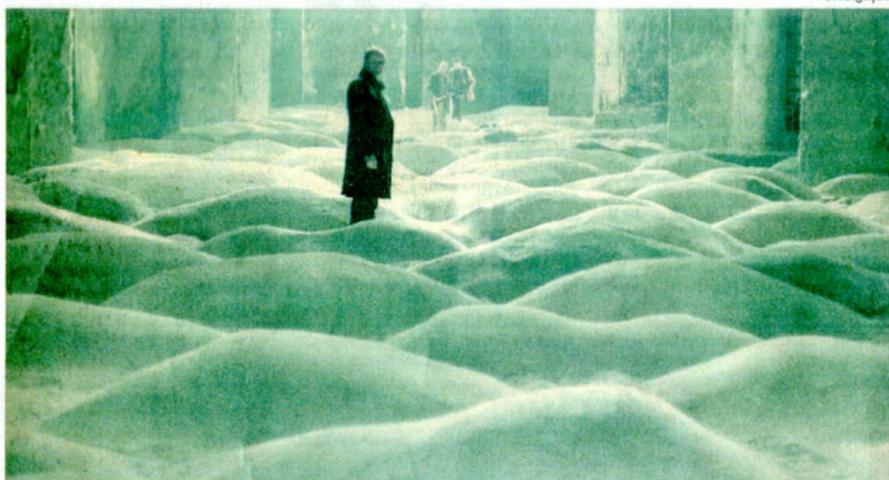
QUANTO R\$ 15 (grátis às terças)

O Espelho de Memórias - Exposição Internacional de Tarkóvski

QUANDO a partir de sexta, das 14h às 21h30, até 25/11

ONDE Cinesesc (r. Augusta, 2.075, Jardim Paulista; tel: 0/xx/11/3087-0500)

QUANTO grátis



Cena da ficção científica “Stalker”, uma das obras mais conhecidas de Andrei Tarkóvski

Livro dissecou “Stalker” quadro a quadro

DE SÃO PAULO

Obras literárias sobre um filme específico são comuns no universo pop desde que “Tubarão” inaugurou a era do cinema evento.

Pode-se, por exemplo, ler sobre “O Poderoso Chefão” em “The Godfather Legacy”, de Harlan Lebo.

Mas “Zona”, que analisa “Stalker”, de Andrei Tarkóvski, tem um charme especial.

É um livro de um grande escritor —no caso, o britânico Geoff Dyer— sobre uma obra-prima do cinema que é tão pop quanto a música folclórica do

norte do Turcomenistão.

Dyer propõe uma tarefa complicada até para o cinéfilo mais intelectual: dissecar a obra-prima de Tarkóvski quadro a quadro.

“Zona”, lançado em inglês em fevereiro e sem previsão de edição no Brasil, descreve as cenas do longa enquanto detalha a vida do cineasta (o infarto durante as filmagens) e narra suas experiências como espectador.

Quando você acha que Dyer exagera em suas inserções pessoais, como a comparação entre sua mulher e a atriz Natascha McElhone, do remake

de “Solaris”, ele dá sua visão sobre a jornada do filme.

O escritor crê que a busca do protagonista pela caverna dos desejos, que fica na “Zona”, uma espécie de “Área 51” soviética, é a procura de Tarkóvski pelo cinema que habita sua mente.

“Talvez indo para a Zona ele será rejuvenescido”, escreve Dyer, lembrando dos problemas do russo com o governo comunista. (RS)

ZONA

AUTOR Geoff Dyer
EDITOR Patheon
QUANTO US\$ 24 (240 págs.)

CRÍTICA MEMÓRIAS

‘Diários’ deixam exposta natureza inacabada da obra de diretor

CÁSSIO STARLING CARLOS
CRÍTICO DA FOLHA

Como todo artista movido por grandes ambições, o cineasta russo Andrei Tarkóvski teve a habilidade de constituir para si uma mitologia, quase uma santidade que ajudou a propagar o alcance de uma obra limitada em volume, mas desmedida em influência.

Vinte e seis anos após sua morte, o abalo físico e filosófico de seu filmes volta a ser sentido com a retrospectiva e uma exposição de fotos durante a Mostra de Cinema de SP.

E, finalmente, a publicação dos “Diários”, escritos pelo cineasta de 1970 a 1986, revela como a cultuada dimensão espiritual de seu cinema se forjou em grande parte no confronto com forças empenhadas em fazê-lo desistir.

O livro, que teve sua primeira edição na Europa em 1989, reúne um conjunto de sete cadernos com anotações pessoais, nas quais se misturam projetos realizados ou abortados, opiniões, desejos e muitas frustrações.

Os registros, criteriosamente datados e numerados, foram batizados de “Martirologio”, expressão que ele, num primeiro instante, definiu como “uma lista de desventuras” e, mais tarde, com ironia, chama de “título pretensioso e mentiroso, mas que fique como um recordação da minha insignificância indestrutível, movimentada e fútil”.

MISTICISMO

Depois de “A Infância de Ivan”, estreia em 1962 no longa-metragem que teve uma recepção, em geral, de apoio da controlada cultura soviética, o trabalho seguinte de Tarkóvski, “Andrei Rublev”, feito em 1966, permaneceu cinco anos vetado pelas autoridades, sob a vaga acusação de “misticismo”.

Daí em diante, cada tentativa de filmar se tornaria, de fato, um martírio.

A escrita dos “Diários” inicia-se nesse tempo de espera e prolonga-se até a fúse em que Tarkóvski, moribundo e no exílio, tenta obter autorização oficial para que o filho, Andrei, pudesse se reunir à família.

As notas, contudo, não são mera sucessão de lamúrias. Entre uma e outra denúncia dos sanguessugas, artistas confortavelmente posicionados como burocratas, Andrei Tarkóvski não deixa de ser divertido e venenoso em relação a outros cineastas com quem ele divide espaço no panteão.

Ozu, Buñuel, Bergman, Antonioni ou Angelopoulos, por exemplo, não ficam a salvo de opiniões nem sempre justas, mas coerentes com o ideal exclusivista de cinema do diretor.

Outros filmes cultuados pela maioria são destratados sem meio-termo. “Eu assisti a ‘Apocalypse Now’, de Coppola. O filme não tem sentido. Na verdade, é como um desenho animado”, escreve, em abril de 1980.

De modo distinto da densidade teórica de “Esculpir o Tempo” (ed. Martins Fontes), os “Diários” contêm um pensamento em transformação, imperfeito e informe e têm a vantagem de deixar exposta a natureza inacabada de toda obra.

Pena que os descuidos de edição obriguem o leitor a pensar em russo para entender quem é “Leluche” (Claude Lelouch), “Kasavetis” (John Cassavetes) e “Foreman” (Milos Forman), entre outros.

DIÁRIOS

AValiação ótimo